



Francisco José do Nascimento

2024

Óleo e Carvão

80cm x 100cm

André Barros Leal (Deco)

DE QUANTOS MARES É FEITO UM DRAGÃO

Texto: Eduardo Barros Leal

Revisão: Laura Juliana Cavalcanti

No alto, o chapéu resguarda a inquestionável sabedoria exposta ao escuro sol, vestido de sexta-feira e calças à meia altura, pés descalços do andar sobre as águas e mãos regentes em sua embarcação. Assim se apresenta Francisco José do Nascimento, de André Barros Leal. Sua postura singular, com perna em arribação e corpo através da jangada, revela um lugar meticuloso criado pelo artista: lugar que existe entre a memória de um povo e seu futuro, entre a fabulação do impossível e do que é real. É aí onde se situa o líder jangadeiro na pintura que nos observa. Chico da Matilde nos vê.

Ante a imagem, assumimos o papel de horizonte, o prático-mor nos olha além de nós e delinea nosso olhar e sentimento com os seus. Tudo o que vemos ali, nessa troca de olhares, é Dragão do Mar em presença, força, sutileza, memória e espírito. Somos aqui, à sua visão, um mar-horizonte, verde como seu céu e azul como seu chão, numa inversão de mundos digna de um espelho-d'água. Um diálogo de cores que nos leva a perceber e sentir sua história de luta, força, mas também de apagamento. É impossível pensarmos o percurso abolicionista no Ceará e no Brasil sem considerarmos todos os dragões simbolizados aqui pelo Navegante Negro. É ele quem nos observa.

De Aracati, Terra dos Bons Ventos, à Capitania dos Portos do Ceará, do homem do mar ao líder abolicionista, da Greve dos Jangadeiros a Herói da Pátria, de Chico da Matilde a Dragão do Mar, quantos e quais são os mares que o compõem? Nessa conversa com o tempo, o artista nos convida a apurar o olhar para aquilo que ficou à sombra das velas, encoberto por ondas menos cristalinas e que ainda assim submergiu para as páginas da vida. De sua densa memória ao seu olhar para o horizonte, nosso presente, muito foi feito com carmim e suor e muito ainda se projeta por fazer. Então façamos, é Dragão do Mar quem nos diz.

Entre óleo e carvão, André Barros Leal conduz nosso olhar e o de Francisco José do Nascimento para o mesmo ponto, uma convergência que, enquanto aparenta impossibilidade, se revela exequível, tornando-nos agentes do passado, mas também da esperança. Essa e outras contradições pairam sobre todas as camadas da obra, que, junta dos demais trabalhos da série, enaltece a grandiosidade de uma maioria minorizada. Da vela hasteada pela memória dos escravizados, à esquerda, ao sutil dragão enevoado em carvão, no lado oposto, pairamos todos nós.

Obra da série de pinturas do artista em pesquisa que investiga povos e personalidades da História e Literatura que, enquanto minorias sociais, tiveram grandiosa participação na formação histórica e cultural brasileira.